

Mídia e suas relações com a violência: relatos de casos no jornal *O Liberal*

Douglas Junio Fernandes Assumpção*

Analaura Corradi**

Neusa Pressler***

Francilene Soares Mourão***

Resumo

Neste artigo, analisa-se como são produzidos os discursos de violência nas escolas públicas no jornal local O Liberal. O discurso é utilizado como uma referência teórico-metodológica de caráter interdisciplinar, atravessando por ele estudos sobre mídia, violência nas escolas, e como base elementar sobre o discurso as ideias de Michel Foucault. Para os enunciados, utilizou-se como referencial teórico-metodológico a análise de discurso, já que ela possibilita observar as construções históricas e ideológicas presentes em um discurso, considerando não apenas a materialidade linguística, como também sua exterioridade (condições históricas, sociais e ideológicas). Baseando-se na abordagem do imaginário pôde-se entender o caráter concreto dessas representações simbólicas, como os heróis e os vilões determinados por certas ocorrências passam a ser referência para o grupo e como a rotina da escola sofre alterações diante daquilo que se pensa, que participa de um imaginário.

Palavras-chave: *Mídia. Violência. Escola. Análise do discurso.*

* Doutorando em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Especialista em Comunicação Empresarial pela Faculdade da Amazônia (FAAM). Graduado em Comunicação Social: Habilitação em Relações Públicas e Multimídia pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (Iesam). E-mail: rp.douglas@hotmail.com.

** Coordenadora do Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia, Belém-PA.

*** Professora titular I do Curso de Comunicação Social e do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama). Doutora em Ciência Socioambiental – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/ UFPA). Doutora em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém-PA. E-mail: corradi7@gmail.com.

**** Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura. Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior e Bacharel em Pedagogia – Ciência da Educação – pela Universidade da Amazônia (Unama).

Introdução

Um princípio de descontinuidade: o fato de haver sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo deles a para além deles reine um grande discurso ilimitado, contínuo e silencioso que fosse por ele reprimido e recalado e que nós tivéssemos por missão descobrir restituindo-lhe, enfim, a palavra. Não se deve imaginar, percorrendo o mundo e entrelaçando-se em todas as suas formas e acontecimentos, um não dito ou um impensado que se deveria, enfim, articular ou pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem. (FOUCAULT, 1996, p. 52-53)

A descontinuidade proposta pelo autor favorece que a análise não seja realizada com base apenas nos ditos dos discursos, pois revelar o que há de não dito naquele promove a aparição da desordem aos discursos formatados pela sociedade, os discursos interditados e fixos, pois seu acontecimento está sob o domínio das instituições e de indivíduos que detêm o poder e a soberania sobre eles, de modo que, pela sua condição de autoridade e credibilidade, são os responsáveis pela sua produção e distribuição.

Dessa forma, compreende-se que o discurso se constrói com base em regras de formação, dentre as quais é inevitável a existência de saberes advindos de outros tempos históricos que mesclam com os saberes atuais. Para uma análise discursiva, os sujeitos são seres sociais e históricos que estão atravessados por redes de memórias. Suas ações, comportamentos e percepções são (re)criados ao longo do tempo, efetivando-se em momentos históricos e políticos diferentes, mas que são reelaborados pelas novas experiências desses sujeitos, delineados pelos regimes de verdades e pelas relações de poder deste momento histórico.

Dessa forma, neste trabalho discorre-se, de forma interdisciplinar, sobre mídia e violência nas escolas públicas, tendo como objeto de análise principal uma reportagem veiculada pelo jornal local *O Liberal*, de 2001 e 2008.

Considera-se relevante analisar os sentidos que essa reportagem produz, com base nos procedimentos de controle que estabelecem verdades na mídia imprensa sobre a violência nas escolas públicas. Assim, a genealogia proposta por Foucault (1996) aborda sobre o fato de considerar na análise do discurso um conjunto de estudos que se desenvolveram ao longo da história, visto que se torna prejudicial para esta análise compreender e considerar apenas um único discurso proferido, pois tal situação torna-o limitado e regular. Ao se atentar, porém, para a descontinuidade dos acontecimentos, não são descartados os outros discursos que não

acontecem, os não ditos, afinal, há uma pluralidade de séries em que os interditos desses discursos se diversificam.

Quer-se dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações múltiplas de poder que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que tais relações não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem produção, acumulação, circulação e funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e com base nessa dupla exigência. (FOUCAULT, 1979, p. 179-180)

Assim, essas relações de poder e regimes de verdades cooperam para a seleção, o controle, a organização e a classificação de palavras e imagens ditas e não ditas. Com base nas ideias de Michel Foucault, verifica-se que o discurso acontece quando na configuração dos nossos gestos, comportamentos, atitudes, etc., determinando modos de ser em dado momento histórico e em dado lugar. Ademais, a produção do discurso como verdade é baseada no poder de produzir verdades na sociedade, pois a obrigação de dizer a verdade e/ou encontrá-la está, eminentemente, ligada a ele. O poder, por sua vez, contribui para a produção não de verdades, mas de vontades de verdades que vão ser transmitidas em favor desse próprio poder, e, assim, ele vai se firmando nos discursos e se estabelecendo como ordem do discurso.

O discurso não deve ser determinado e compreendido como uma estrutura fixa e sem descontinuidades, porque ele não é exatamente o que dizemos e como dizemos; ele também não pode ser estabelecido como uma única verdade, mas sim como uma constituição que se desenvolve de procedimentos de controle que pautam as relações de poder. E, no estabelecimento dessas relações, o sujeito é o formador e o recriador do discurso, constituindo saberes em um momento histórico em que saber e poder se articulam silenciando e enunciando discursos – criados e recriados.

Seguindo essa lógica e ao considerar que a mídia é mera reprodutora de ideologias, mas como um dispositivo produtor de modos de subjetivação, indagou-se de que forma a mídia impressa paraense tem exposto os casos de violência nas escolas públicas de Belém do Estado. Que regimes de verdade fundamentam os discursos que tais periódicos têm veiculado sobre a violência em questão? E que efeitos de poder são sustentados por tais discursos? Em uma primeira análise, observou-se que na abordagem que o jornal impresso *O Liberal* faz da violência nas escolas, algumas reportagens se repetem no movimento enunciativo; e cada vez que se volta para uma matéria este se apresenta constante.

Assim, o objetivo geral com este estudo é desenvolver uma pesquisa para analisar a forma como são abordados os discursos de violência nas escolas públicas na mídia impressa paraense, visando problematizar os efeitos de verdade e de poder postos em circulação por esses periódicos, bem como refletir sobre os processos de subjetivação possivelmente produzidos por tais jornais, por meio das notícias sobre a temática “violência nas escolas públicas”.

São objetivos específicos deste estudo: identificar os regimes de verdade que fundamentam os discursos contidos nos jornais impressos e veiculados no município de Belém sobre a violência nas escolas públicas e verificar os efeitos de poder que sustentam os discursos contidos no jornal impresso.

Para atingir os objetivos pretendidos, fez-se o levantamento das matérias do jornal impresso local *O Liberal*, a respeito da violência nas escolas, buscando encontrar os sentidos formulados pelo veículo sobre o tema, fazendo a análise do discurso das abordagens deste veículo comunicativo.

Discurso da violência na mídia

Discute-se, ainda, sobre os efeitos de sentido que se materializam nos textos da sociedade, tanto na linguagem verbal quanto na não verbal. É o sujeito, porém, a origem de todos eles, pois não se pode afirmar com toda certeza o início de cada discurso produzido socialmente; o que ocorre é o percurso histórico e social que esse discurso faz, afinal, tudo o que preferimos hoje é resultado de um conjunto de elementos que já foram usados e que vão ser usados ainda. Por isso, como afirma Gregolin (2007, p. 15), “ninguém consegue enxergar a totalidade significativa, nem compreender todos os percursos de sentido produzidos socialmente”.

Acontece que a construção discursiva é realizada pelo sujeito histórico, que, por sua vez, pode interpretar alguns acontecimentos que se destacam na teia de sentidos para produzir seu próprio discurso em um dado momento histórico. Assim, esse discurso, então produzido, teve como base fatores que dão coerência e efeito de sentido a ele, tais como: controle, limitação, classificação, ordenamento e distribuição, podendo assim, segundo Foucault (1971), estar em relação ao domínio de objetos, além de definir uma posição do sujeito, bem como situá-lo em performances materializadas.

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela,

em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 15)

Com base nesse argumento de Gregolin (2007), percebe-se, como abordado, o poder que o discurso possui na sociedade, independente de sua época. O discurso se (re)produz no percurso histórico em diversos lugares e situações.

Ademais, é importante destacar, também, o papel do esquecimento para a produção do discurso, pois ele se faz como um elemento discursivo ao se esquecer de algo e conseqüentemente se perderá e não fará mais parte da memória, findando em um novo discurso agora reconstituído por novos elementos, novas lembranças. Assim, com o esquecimento e as lembranças, novos discursos vão surgindo para constituir novas identidades históricas que, necessariamente, se ligam ao passado e ao presente.

Segundo Gregolin (2007), os discursos que há na mídia são produzidos da resignificação das palavras e das imagens materializadas que fomentam novos sentidos e discursos. Ocorre um novo movimento interpretativo que coloca em circulação novamente os discursos do passado, junto com os novos. Assim, fazem parte deste ciclo o esquecimento e a lembrança.

Em seu livro *Microfísica do poder* Foucault (1979 *apud* GREGOLIN, 2007, p. 5), apresenta um confronto entre os discursos dos sujeitos históricos, nos quais são expressas lutas em relação aos dispositivos identitários, pois

[...] os micropoderes promovem uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades que, sendo históricas, são relativas, insubstituíveis e estão em permanente reconfiguração. Eles sintetizam e põem em circulação as vontades de verdades de parcelas da sociedade, em certo momento de sua história.

Dessa forma, percebe-se que na mídia, ao se trabalhar com discurso produzido pelas palavras e imagens reconfiguradas, promovem-se a generalização e a integração dos indivíduos nas mídias, bem como a constituição identitária desses mesmos indivíduos aos quais, agora, são impostos processos de imitação e forma ritualizada de discurso.

Assim, esses novos discursos formam novas identidades por apresentarem novos paradigmas e estereótipos, além de novos comportamentos sociais: maneiras de agir, falar, gesticular, até mesmo pensar. E todos esses fatores servirão de base para a inserção dos indivíduos na “comunidade imaginada” mencionada por Gregolin (2007), ao se referir

à concretização da realidade na mídia, ou seja, do que é considerado como verdade.

Essa inserção, por sua vez, não se dá apenas no discurso proferido pelos indivíduos, mas também na utilização e na profusão de imagens que levam consigo discursos como forma de poder, cuja consequência é “uma verdadeira saturação identitária através da circulação incessante de imagens que têm o objetivo de generalizar os modelos. A profusão dessas imagens age como um dispositivo de etiquetagem e de disciplinamento do corpo social”. (GREGOLIN, 2007, p. 5)

Não há nos discursos da mídia apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades. Ao mesmo tempo, há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser.

Se houvesse somente submissão, não haveria produção de novos sentidos. Acontece que não há agenciamento completo das subjetividades, mas um permanente entrelaçamento móvel entre as forças de territorialização e as de desterritorialização, ambas agindo e provocando contradições. Como consequência desses movimentos, as identidades não são rígidas nem acabadas. (GREGOLIN, 2007, p. 10)

Violência escolar e mídia: casos ocorridos no município de Belém-PA

Jornal *O Liberal*, 27 de abril de 2001:

Amazônia, cidade de Belém, 2001: estudante baleado dentro da sala de aula de uma escola da rede pública estadual. A notícia ganha grande destaque na imprensa. O aluno foi atingido por uma bala de um revólver que caiu no chão e disparou. Esta arma foi levada para a escola por uma aluna com o objetivo de assustar uma colega que, segundo ela, ‘roubou o seu namorado’. (FARIAS, 2001, p. 10)

Jornal *O Liberal*, 4 de maio de 2001:

Em outra escola da rede estadual, uma semana após ter ocorrido o baleamento do estudante na sala de aula, um adolescente disparou um tiro para o alto, causando pânico entre os alunos. ‘O tiro foi dado como advertência para um aluno que brigou com o

primo do autor do disparo, visto que este não conseguiu alcançar o advertido, pois ele foi protegido pelo porteiro da escola, que trancou o portão'. (SAMPAIO, 2001, p. 9)

Jornal *Amazônia*, de 18 de junho de 2008:

Uma estudante, menor de idade, 15 anos, assassinada por uma colega de sala durante a aula em uma escola da rede pública de ensino de Belém, Renato Pinheiro Conduru. As duas já não se davam bem há tempos, dizem alunos da Escola Estadual Renato Pinheiro Conduru. Ontem, um alisante de cabelo motivou nova briga. Soraya foi atingida com uma faca de cozinha. Em Bragança, há tortura na cadeia, denuncia promotora. (ESTUDANTE..., 2008, p. 47)

Jornal *Amazônia*, pertencente ao jornal *O Liberal*, 18 de junho de 2008:

A estudante Soraya Barbosa Marinho, de 15 anos, foi assassinada ontem com duas facadas dentro da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Pinheiro Conduru, localizada no bairro de Val-de-Cães, em Belém. A agressora é uma colega de classe de Soraya. Edilene dos Santos Gonçalves, de 18 anos, foi encaminhada para a Seccional Urbana da Sacramento, onde foi autuada em flagrante pelo crime de homicídio qualificado.

O crime ocorreu no horário de aula. O professor tentou socorrer a estudante, mas não houve tempo. Familiares da vítima ficaram indignados e acreditam que o colégio tenha culpa, já que Edilene saiu da escola no horário do recreio e retornou algum tempo depois, com a faca. A acusada confessou que não se dava muito bem com Soraya. Entretanto, ela disse à delegada Ana Rita Reis que não queria matar a adolescente. 'Ela disse que ouvia uma voz dizendo 'vai lá e mata'. Mas a intenção, segundo ela, era dar um susto e fazer com que Soraya a respeitasse', relatou a delegada.

Segundo informações apuradas pela reportagem e ainda não confirmadas, Edilene já teve passagens pela polícia quando era menor de idade. Também surgiu a informação que há traficantes na família da acusada, mas isto ainda não foi confirmado. (ESTUDANTE..., 2008, p. 47-48)

Reportagens como essas são encontradas quase que diariamente nos jornais que circulam no Município de Belém-PA. Tornaram-se cada vez mais comuns matérias publicadas que mostram a violência em seu mais alto nível, e isso se torna um fato alarmante quando é praticado dentro das escolas.

A mídia impressa, porém, desconsidera seu papel de influenciadora de opiniões e constrói discursos que não condizem com a realidade. Tomando como exemplo a reportagem veiculada no *Jornal Amazônia*, publicada em 2008 acerca da morte de uma aluna de 15 anos com duas facadas dentro de uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio por uma colega de 18 anos de mesma série, no bairro de Val-de-Cães, pode-se observar que há certa tendência a denegrir a imagem da aluna agressora e enaltecer a figura da vítima. Sobre o fato, alguns veículos de comunicação colocaram em circulação informações que levavam a acreditar que a menina que cometeu o crime era “perigosa” e a escola também seria uma instituição “perigosa”.

O jornal em questão, conhecido por suas matérias apelativas, desenvolve um discurso que expõe a identidade da acusada, seleciona informações sensacionalistas e desconsidera totalmente as condições de produção em que aconteceu a triste situação. Há algum tempo, porém, as adolescentes apresentavam problemas uma com a outra, e a escola já sabia dessa situação, como relataram outros jornais.

Conclusão

Procurou-se conhecer, ao longo da pesquisa, as diversas concepções sobre a violência escolar, tanto para identificar os atos violentos que foram encontrados nas ocorrências quanto para compreender os caminhos que continuam a produzir essa violência.

Considerou-se que a mídia atua como um dispositivo de poder, uma vez que relativiza os acontecimentos conforme interesses diversos, e que sua comunicação é criada e opera por meio de símbolos, que são interpretados pelos indivíduos, gerando diferentes compreensões, mas que de certa maneira expressa e reforça o sentimento de insegurança social refletindo tal aspecto nas relações na escola.

Essas questões tratadas pela mídia acabam inflando o conceito de violência simbólica por meio da dispersão do discurso, bem como sua regularidade, gerando um sentimento de insegurança social e formando um imaginário sobre a violência escolar. O caos dos centros urbanos, pautado pela desigualdade e impunidade, aliadas às novas formas de relação interpessoal, estruturas familiares e condições socioeconômicas, tece o emaranhado no qual a violência se faz possível.

As pesquisas realizadas com a coleta de reportagens de jornais impressos contribuíram para que fosse possível perceber como a alteração do contexto social influencia na produção da violência escolar e qual o poder e o papel da mídia em nossa sociedade; foi feita uma abordagem desde os primórdios dos conflitos de violência até os dias atuais e mostrou-se

de que forma é feita a divulgação da informação, a qual é veiculada de forma cada vez mais rápida e contínua.

Assim, a mídia acentua os fatos e colabora na produção de sentidos sobre a violência escolar. Baseando-se na abordagem do imaginário pôde-se entender o caráter concreto dessas representações simbólicas, como os heróis e vilões determinados por certas ocorrências passam a ser referências para o grupo e como a rotina da escola sofre alterações diante daquilo que se pensa, que participa de um imaginário.

A crescente demanda social por segurança e o aumento da violências nas escolas vêm exigindo do poder público novas medidas diante do problema, ao mesmo tempo em que se espera das instituições escolares novas possibilidades de ensino-aprendizagem, maior socialização, relação com a comunidade, etc., a fim de reduzir fatores que contribuem para a violência.

Pôde-se entender que essa produção cotidiana da violência escolar, produzida com base nas relações e nas simbologias da rotina escolar, deve ser levada em conta para eliminar os problemas da violência. O imaginário que orienta um grupo social, o qual a mídia reforça, é ao mesmo tempo gerador dos problemas da violência e o caminho para criar novas possibilidades para a educação e o bem-estar social.

Media and their relationships with the violence: reports of cases in the newspaper O Liberal

Abstract

This article, it is analyzed how are produced of the discourses of the violence in the public schools in the local newspaper O Liberal. The speech is used as a theoretical-methodological reference of interdisciplinary character, passing by studies on media, violence in the schools, and as elementary base about the speech to the ideas of Michel Foucault. For the statements, is used as theoretical-methodological referential the speech analysis, since she makes possible to observe the historical constructions and ideological presents in a speech, not just considering the linguistic materiality, as well as exteriority (conditions historical, social and ideological). Basing on the approach of the imaginary can understand the concrete character of those symbolic representations, as the heroes and the villains determined by certain occurrences become reference for the group and as the routine of the school suffers changes according to the thought, that participates in an imaginary one.

Keywords: Media. Violence. School. Analysis of the speech.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Drogas nas escolas*. Brasília: Unesco; Rede Pitágoras, 2005.
- ESTUDANTE mata colega dentro da sala de aula. *Amazônia*, Belém, 18 jun. 2008. Caderno Polícia.
- FARIAS, Edmar. Baleado na sala de aula. *O Liberal*, Belém, 27 abr. 2001.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz F. B. Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 29. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo v. 4, p. 11-25, 2007. Disponível em: <www.revistas.univerciencia.org/index.php/.../6201>. Acesso em: 16 out. 2013.
- SAMPAIO, Paula. Tiro na frente de escola causa pânico. *O Liberal*, Belém, 4 maio 2001. Caderno Atualidades.

Enviado em 12 de fevereiro de 2015.

Aceito em 15 de maio de 2015.

